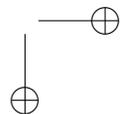
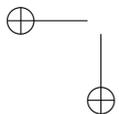
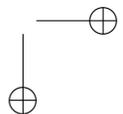
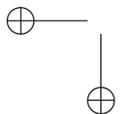
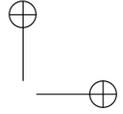
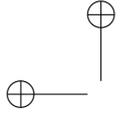
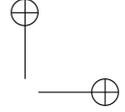
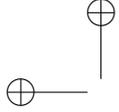


**Entre ossos, indagações e emoções:
uma livre reflexão sobre o humano**

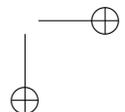
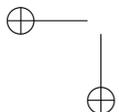






**Entre ossos, indagações e emoções:
uma livre reflexão sobre o humano**

Francisco Caruso



Copyright © 2024 Francisco Caruso
1ª Edição

Direção editorial
Victor Pereira Marinho
José Roberto Marinho

Projeto gráfico e diagramação
Francisco Caruso

Capa
Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caruso, Francisco
Entre ossos, indagações e emoções: uma livre reflexão sobre o humano /
Francisco Caruso. – São Paulo: LF Editorial, 2024.

Bibliografia.
ISBN: 978-65-5563-491-4

1. Conhecimento (Filosofia) 2. Evolução humana - Filosofia 3. Filosofia 4. Humanidade
5. Vida (Filosofia) I. Título.

24-225666

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia 100

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



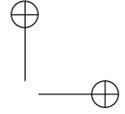
EDITORIAL

LF Editorial

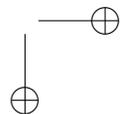
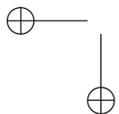
www.livrariadafisica.com.br

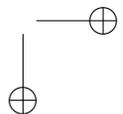
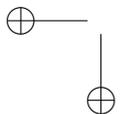
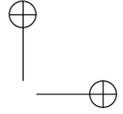
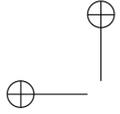
www.lfeditorial.com.br

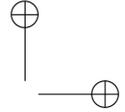
(11) 2648-6666 | Loja do Instituto
de Física da USP
(11) 3936-3413 | Editora



*Dedicado à memória dos amigos Luiz
Fernando Ferreira & Aduino José de
Araújo, com os quais adoraria ter con-
versado sobre o tema deste ensaio.*





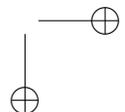
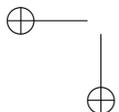


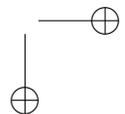
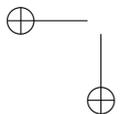
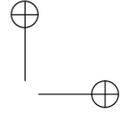
*O único sentido da vida é servir à
humanidade [...].*

Liev Tolstói

*Amor e compaixão são necessidades,
não luxos. Sem eles a humanidade
não pode sobreviver.*

Dalai Lama





Prefácio

Uma caverna, um local distante, pessoas e um mistério. Poderia ser o Mito da Caverna, alegoria apresentada por Platão em *A República*. De forma similar, assim é o novo livro de Francisco Caruso, em que a partir da descoberta de centenas de ossos fósseis, numa caverna da África do Sul, nos é apresentada uma densa reflexão sobre o significado do humano. Os elementos comuns com o Mito da Caverna não são acaso, pois ambos estão centrados na busca pelo conhecimento.

O livro *Entre ossos, indagações e emoções: uma livre reflexão sobre o humano* nos conduz inicialmente a uma ciência marcada pela física dos átomos que datam, medições milimétricas de ossos, comparações analíticas intermináveis e controvérsias científicas, que são em geral desconexas da realidade. A descoberta paleontológica de ossos humanos datados em cerca de 300 mil anos é a partida para uma análise do que é um ser humano. É então demonstrado, que a dificuldade em se definir o significado de humanidade encontra-se nos critérios que embasam ciências como a Paleontologia, Geologia e Astronomia, as quais demandam uma interminável necessidade de dados físicos que demons-

trem pressupostos de grande complexidade. Porém, o que poderia ser duvidoso para sempre, num limite entre a ciência e a ficção, muitas vezes mostra-se passível de investigação, experimentação e até mesmo com dados tangíveis resultantes de novas descobertas materiais e técnicas analíticas.

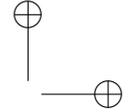
Os **Ossos**, base para a descoberta de uma nova espécie fóssil humana, podem também ser compreendidos como uma metáfora para o cartesianismo científico, a esterilidade e impessoalidade do conhecimento. As **Indagações** estão centradas naquilo que é a grande questão humana e que está no cerne do sentido da própria existência. E o mais importante, as **Emoções**, proposta central deste ensaio, no qual há a subversão da ciência contemporânea, através de sua reconexão com as humanidades, na busca de uma explicação diferenciada para o sentido do que é um ser humano.

Um hominídeo, reconhecido por fósseis encontrados numa gruta do interior da África do Sul, que, apesar de seus aspectos morfológicos tão distintos, possuía rituais e representações simbólicas que até então se acreditavam exclusivos de nossa espécie. Sepultamento dos mortos, grafismos registrados em petróglifos, domínio do fogo e a produção de ferramentas líticas demonstram que, apesar de seu pequeno cérebro, *Homo naledi* tinha comportamentos complexos e culturais semelhantes aos de *Homo sapiens*. Especialmente, a representação de imagens simbólicas associadas a rituais de sepultamento, estão no cerne do sentido humano. A transcendência, o entendimento do significado do tempo da vida, conjugados com outros aspectos do raciocínio abstrato, demonstram que a interpretação do sentido do humano não pode estar baseada numa simples definição

de formas e consciência própria da existência, numa exclusividade da espécie “sapiens” ainda vivente. Fomos muitos ao longo do tempo geológico, como uma grande família de primos, tios e avós que transmitem características únicas e que nos tornam quem somos. Ser humano é ser memória, de onde viemos, onde estamos e das escolhas que podemos fazer para nosso futuro. Humano é buscar sentido para a existência.

Como toda boa novidade, *Homo naledi* é um fator de instabilidade. Demonstra como a pesquisa científica pode se mostrar instável a partir da descoberta de um novo fóssil. Apesar das novidades serem o grande sentido da própria existência, por vezes sua compreensão para uma nova etapa de reflexão, não é facilmente apreendida. Assim, o livro aborda os dogmas do conhecimento científico, o tecnicismo e as dificuldades de entendimento do novo, de outras possibilidades e hipóteses para a organização de nossas ideias e a compreensão do significado da própria vida. A narrativa apresentada busca a reflexão sobre os conflitos do conhecimento, os preconceitos humanos e de como se estabelece a segmentação do pensamento científico contemporâneo resultando na resistência aos discursos interdisciplinares.

Imagina-se em geral a existência de uma linha contínua de transformações que resultaria num ápice da evolução humana e estaria materializada pela nossa existência. Uma reprodução e adequação do criacionismo, através do direcionamento da evolução na busca pela perfeição. Nada mais enganoso. Somos o produto do tempo, das mudanças, da existência condicionada por acasos que nos transformaram em um dos membros de uma grande família. No caso de *Homo naledi*, com



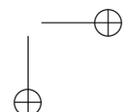
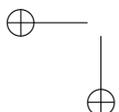
seu cérebro minúsculo, sua humanidade é revelada pelas mãos. Foram elas que possibilitaram a eternidade de sua criatividade e imaginação gravadas em símbolos rupes-tres. Através das mãos, que realizaram os sepultamentos no interior de uma caverna, materializaram seus sentimentos de empatia e de registro da memória. São como nós, que eternizamos memórias através da Arte, símbolos, das palavras escritas e ditas, e principalmente por meio de nossos atos.

E assim, Francisco Caruso nos atinge com seu texto sensível e profundo, como um contador de histórias. Histórias conectadas pela matemática, física, filosofia, arte e literatura. Uma verdadeira comunhão entre o conhecimento da ciência e a poética da vida, capacidade que somente grandes seres humanos podem nos proporcionar.

Ismar de Souza Carvalho

Professor e Diretor da Casa da Ciência – UFRJ

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2024



Algumas palavras

Aqui se revela uma história de alguns segredos expostos, há pouco tempo, por uma misteriosa caverna. Estima-se que tenham ficado guardados por um período muito longo, algo entre 240 e 350 mil anos. É uma narrativa que ganha vida como um palimpsesto, ao se sobrepor à outra difundida no documentário *Caverna de Ossos*, da série *Explorando o Desconhecido* [1]. Quase impossível não ficar impactado pelo seu roteiro, pois levanta inúmeras questões intrigantes sobre a evolução humana e, inclusive, no que se refere à própria definição de *humano*.

Mais do que pela razão formal e analítica, este relato é guiado pela poética do tempo arcaico, ou seja, é levado pela emoção de vislumbrar raízes da natureza humana, tão distantes – pré-históricas –, e pelo fascínio de muitas das indagações interdisciplinares e desafiadoras postas aqui em destaque. É, em última análise, um breve registro, uma memória tornada viva, de um devaneio acerca do conceito de *ser humano* [2].

É um prazer agradecer de público aos amigos Stella Maris Amadei, Roberto Moreira Xavier de Araújo, Alessandra Balbi, Mirian de Carvalho, Ismar de Souza Carvalho, Marcia Chame, Sérgio Cunha, José Ribamar Bes-

sa Freire, João Candido Portinari, José Augusto Rodrigues, Alberto Santoro, José Alexandre da Silva (*in memoriam*), Felipe Silveira e Henrique Garcia Sobreira, pela generosa paciência em ouvir fragmentos de uma estória inacabada, que me estimulou sobremaneira, assim como pela permuta de conhecimentos e ideias, afora sugestões que contribuíram para uma maior clareza do texto; por fim, em alguns casos, pela leitura crítica de trechos de diferentes versões do manuscrito. Em especial, Bessa, Ismar, Mirian e Moreira foram ainda além, dando-me grande alegria, ao contribuírem com os belos comentários que integram e engrandecem esta edição.

Sou grato também à Direção do *Projeto Portinari* pela afável autorização permitindo que o ítem FCO-1541 de seu acervo pudesse ser reproduzido neste ensaio.

Francisco Caruso

Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2024

Sumário

Prefácio de Ismar de Souza Carvalho	ix
Algumas palavras	xiii
1 Preâmbulo	1
2 De ossos, fatos e suposições	9
3 Do sepultamento	21
4 Do fogo	31
5 Da ferramenta	41
6 Da arte rupestre	51
7 Do ser humano	89
8 Epílogo	99
Referências Bibliográficas	105
Posfácio de Roberto Moreira Xavier	119